

BIODANÇA E AÇÃO COLETIVA IDENTIDADE PESSOAL E COLETIVA: ENTRE A BUSCA PESSOAL E O VÍNCULO SOCIAL

Ana Luisa Teixeira de Menezes¹

RESUMO Este artigo busca discutir a relação entre a Biodança e a Ação Coletiva, evidenciando alguns aspectos denominados contraditórios entre a identidade pessoal e político, bem como a prosa e a poesia. Buscamos fundamentalmente provocar uma análise sobre os sentidos que os profissionais e participantes do movimento possuem sobre suas práticas e os meios e fins utilizados para a concretização deste movimento. Ao indagar sobre estes aspectos estamos problematizando os campos e caminhos pelos quais a Biodança pode se construir enquanto Ação Coletiva.

PALAVRAS-CHAVE: Biodança, Ação Coletiva, Identidade pessoal e política.

Melucci (1996) define ação coletiva como algo complexo, com diferenciações múltiplas, incluindo o tempo como uma categoria a ser pensada em espiral, como uma imagem que nos possibilita “um encontro com a pluralidade de dimensões e movimentos que constituem nossa experiência temporal” (p.13). A esta pluralidade da dimensão temporal, o autor, denomina de ritmo. Resgata uma noção

¹ Professora de Psicologia na UNISC – Universidade de Santa Cruz do Sul, doutora em Educação na UFRGS, professora-didata de Biodança e membro da direção da Escola Gaúcha de Biodança.

de experiência temporal ligada ao ritmo da natureza, da lua e do sol, das estações, da respiração, dos sons, da água, do fogo, do vento, da terra. Noção esta, difícil de ser medida em números, quantificada em sua natureza vital e que nos mantém ligados ao cosmos. Aspectos estes negligenciados no campo científico e admitido fora deste, numa linguagem mítica, selvagem ou poética. Este nos parece um ponto fundamental, a permissão e compreensão efetiva, objetiva, da intuição, da poesia, do ritmo como elementos estruturadores que norteiam novas práticas e olhares. O desenvolvimento do sensível como espaço necessário de desconstrução de uma racionalidade instrumental em direção a uma autorização à criação, à subjetivação. Buscar novos olhares em espaços antigos, íntimos, talvez pouco reconhecidos, no ritmo interno, na inocência transcendental do anjo, conforme nos fala Peixoto (1992) onde somos capazes de “olhar as coisas como se fosse pela primeira vez e de viver histórias originais... respeitando os detalhes, deixando as coisas aparecerem como são” (p.363). Touraine (1998), em suas reflexões entre sujeito e movimentos sociais é categórico em afirmar que: “a idéia do sujeito tem sua origem na experiência vivida. Ela está constantemente presente como uma força ou, ao contrário, como ausência, quando alguém se sente privado de si mesmo, não amada, não compreendida. Mas não se deve opor a experiência íntima do sujeito às manifestações coletivas da afirmação e da defesa dos direitos destes” (p.81).

Ao considerar o sujeito nesta perspectiva, pensamos sobre a discussão do ritmo, enquanto categoria, vivência do ritmo, que passa por uma aprendizagem do vivido considerando um ritmo tão múltiplo, onde a vivência dos grupos e redes coletivas é diversa, comunicável numa construção simbólica e social, mas profundamente singular. Ao existir mais inteireza na presença individual, não se poderá ter um quadro homogêneo de experiências. Somente num espaço, onde as leis de comunicações e comportamentos estão severamente prescritas, a diferença não aparece enquanto experiência singular, o que implica diversidade. Não aparecendo à singularidade, a criatividade se dilui junto a uma agressividade de revolta, como uma expressão clara do obscuro desejo de ser do ser. Ou então, enquanto apatia, submissão e linearidade.

Melucci (1996), em meio a uma crítica social, de uma sociedade que necessita unificar experiências em padrões faz uma discussão sobre o tempo objetivo, frio, lógico, linear e o tempo subjetivo que é o de elaboração contínua e diferenciada que perde-se na corrida do tempo, sendo este, apenas pensado como um relógio, tempo=relógio. Sem querer negar esta objetividade presente, Melucci (1996), nos convida a prestar mais atenção ao ritmo interno, a desenvolver a intuição como forma de não sucumbir às múltiplas, e tão pouco biológicas escolhas, que somos interpelados a fazer. O encontro com o tempo interno nos ajudaria a encontrar uma auto-regulação entre repouso e ação dentro de uma “pulsção rítmica” (p.21).

Um ritmo que está ligado à natureza, no nascer e pôr do sol, nas estações, no nascimento e na morte, na pulsção biológica, no ritmo do coração. Não podemos pensar estes ritmos fora da construção cultural, mas também não podemos pensar e viver a cultura fora da natureza.

Relevar esta compreensão tempo-ritmo, leva-nos a uma reflexão a cerca do conceito de atores sociais que Melucci (1996), teoriza como ponto fundamental na discussão dos movimentos sociais, onde os indivíduos e suas diversidades são constituintes das organizações sociais. Como pensar nos movimentos como idéias e práticas homogêneas? Não estaríamos reproduzindo uma lógica linear, fragmentada, de quantificação?

A discussão que nos impulsiona é que esta dimensão subjetiva existe e deve ser evidenciada, mesmo dentro das lutas mais áridas, objetivas, estas relações não se rompem por total. Podem se apresentar, e de fato, se apresentam fragmentadas. É justamente neste sentir a ausência que o sujeito busca a presença, sendo a realização da sua existência, o maior impulsionador do indivíduo para a luta coletiva. Descobrimos serem necessárias, nas interações, investigações com os movimentos coletivos, evidenciar ou mesmo olhar com visibilidade e reconhecimento, os espaços de liberdade onde os sujeitos se constituem pelo que afirmam, como, o espaço de festa e do teatro que encoraja e nutre o espírito de liberdade, assim como o espaço da música, da dança, do contato, do abraço, das emoções.

No entanto, Melucci (2001) alerta sobre o “caminho rumo ao mito da identidade, rumo à retirada evasiva, rumo à ilusão de um indivíduo e uma natureza magicamente redimida dos vínculos do agir social” (p.77). Fala sobre uma ambiguidade nos movimentos que pode levá-los a um ensimesmamento, ou “na celebração da identidade primária” (p.77).

Consideramos pertinente esta problematização e dissecação do que representa falar de identidade nos movimentos sociais, nos levando a pensar que Melucci expressa a dificuldade que ele mesmo se referiu, quando falou da nova linguagem e paradigma, alegando que “o embrião do novo está nascendo dentro do velho gato” (p.72). Ambiguidade que todos estamos envolvidos nos recuos que demonstramos quando ousamos apostar no desconhecido. O que Melucci anuncia quando diz: só a “representação política pode evitar que as demandas coletivas de dispersem no folclore, na fuga individual, na violência sem saída?”.

Negar a importância política pode ser uma forma de alimentar a manipulação do poder sobre a identidade individual e entrando, como cita, numa psicologização do social, onde tudo é problema de identidade. Pensando bem, talvez estejamos diante de um desafio: o de encontrar e solidificar espaços coletivos e sociais, levando em conta, as necessidades profundas das identidades, a fim de que se exerçam com mais “natureza”. Buscar esta natureza implica participar socialmente, onde para Melucci, a política, ainda é, a principal mediadora.

Ao situar esta aparente e não tão inocente ambigüidade entre identidade pessoal e coletiva que ora vivemos, buscamos discutir a Biodança dentro deste campo. Os contrapontos apresentados acima no texto, talvez não sejam excludentes, e sem dúvida, alimentam-nos mais, na busca de aprofundamento, remetendo-nos diretamente ao campo de experiências que circulamos, e que ora nos suscita tais questionamentos. Nesta discussão entre identidade individual e coletiva, entre desejos individuais e política, se funda num fim de separação entre o político e privado, onde nascimento, morte, doença, amor, temas da ordem do privado, tornam-se campos de experiência humana, se vê um medo, ou uma precaução para que não sejamos

engolidos por uma mídia, um controle que esteja fazendo, com que acreditemos que é importante investir nos indivíduos, como uma espécie de alienação.

Na busca de um aprofundamento nas análises, pautada nesta afirmação de Melucci: “nenhuma teoria a priori assegura mais a presença de um “sujeito histórico” (p.74) buscamos pensar o sentido da Biodança enquanto Ação Coletiva na medida em que desenvolve o que Melucci caracteriza como paradigma de Identidade. Para Melucci, a Ação Coletiva está permeada deste paradigma que busca enquanto movimento pensar o que nós somos e o que queremos e nos convida a refletir que não necessariamente o mergulho profundo na identidade pessoal leva à uma alienação social, assim como, necessariamente leva à um engajamento social. Os entrelaçamentos se fazem nas apostas, e se confirmam ou não, nos diálogos das, e entre as, experiências.

Diante do desafio dessa discussão concordamos plenamente sobre a dificuldade que é confrontar-se com o paradoxo, de por um lado, os movimentos anunciarem novas lógicas, incluindo dimensões objetivas, ao mesmo tempo, que necessita estar vinculado socialmente, ou seja, politicamente.

A Biodança que se define como um movimento de reaprendizagem visceral, de reeducação das funções originárias da vida, como uma poética do encontro, busca o re-encantamento da vida, o encontro com o estilo de viver mais saudável pautado numa afetividade com a Vida e o Viver. Isso implica conceber a saúde conforme Góis (2008) define como um modo de participar da teia da vida, encontrando meios objetivos e subjetivos que potencializem o viver. E como vivificamos em nós a teia da vida? Como nos fazemos presentes enquanto movimento de Biodança? Será que podemos afirmar que a Biodança é uma Ação Coletiva a partir das definições de Melucci?

Pensamos que a idéia de redes no cotidiano pode trazer alguma luz na busca de significados dos movimentos que “não conseguem” se transformar em ação coletiva visível. Nestes casos, a agregação é pontual, é do presente e não persegue objetivos de longos prazos e inalcançáveis, e a agregação só é possível se, “existe certa

coincidência entre objetivos coletivos e necessidades afetivas, comunicativas e de solidariedade dos membros... a fraqueza está nos riscos permanentes de fragmentação; na dificuldade de manter objetivos gerais de longo prazo; na facilidade da fuga expressiva; na dificuldade de envolver-se com problemas da política em sentido próprio, isto é, com a complexidade das decisões e das mediações, com os problemas de eficácia e eficiência, em geral com os vínculos de um sistema no qual existem interesses diversos em competição” (Melucci, 2001, p.79).

Qual o papel dessas pequenas redes? Quais as implicações na não representação política? Há alguns anos atrás, todos os movimentos deveriam convergir para uma ampla participação política. Caso contrário, não deveríamos investir nestes pequenos movimentos que eram (ou ainda são) definidos como alienantes. Hoje, percebemos que existem outros acessos que não necessariamente falam de política, mas que se organizam, são redes.

Ao localizarmos historicamente a Biodança, percebemos que esta se desenvolveu a partir da ditadura militar, paralelamente ao movimento hippie, a práticas terapêuticas e comunitárias que preconizavam novos estilos de viver a sexualidade, a afetividade e a transcendência. Rolando Toro (2002), criador da Biodança relata que parece paradoxal, num mundo permeado de conflitos de guerra, criar um movimento que se propõe a dançar e a amar. Tal proposta também nos convida a uma reflexão para pensar o que entendemos sobre política e amor em nossa sociedade ocidental. Parece que as Guerras estão bem contextualizadas com o sentido de política, ao contrário do amor e da dança.

Melucci (2001) define como “incompatibilidade entre elementos ou partes de um sistema... a incompatibilidade entre sistemas (subsistemas, ou elementos) é aquela situação para a qual um sistema não está em grau de manter a própria estrutura em presença de variações de outro sistema (subsistema ou elemento”(P.60). Este conceito pensado numa dimensão macro de movimentos antagonistas, que para Marx são lutas de classes, para Melucci é desenvolvido enquanto relações sociais, sistemas de vínculos e reconhecimento mú-

tuo de identidade, pode nos ajudar a pensar sobre estas relações paradoxais que o movimento da Biodança provoca.

A contradição que produz a dança, a amorosidade e o cotidiano no movimento Biodança, ao mesmo tempo, provoca movimentos de identificações, que surgem da não identificação com o sistema. Ou seja, subsistemas que se criam, de vínculos que se afirmam a partir do que não querem, até solidificarem os laços de reconhecimento recíproco. É o que Touraine (1998), fala quando se refere a necessidade dos movimentos afirmarem seus desejos, e ainda, se afirmarem através deles como indivíduos, e não só resistirem. Morin (1991) fala de uma dimensão da realidade que é vivida como poesia na perspectiva dos sonhos e outra como prosa, o tempo do cotidiano e que nos remete a discussão primeira deste artigo levantada por Melucci, do tempo-ritmo interno e externo. Tais aspectos são vividos em nossa sociedade como contraditórios na antítese ilusão-realidade. A Biodança enquanto prática situa-se neste espaço denominado como contraditório.

Neste sentido aceita-se que a ação coletiva se constrói por meio das relações sociais num campo de oportunidades e de vínculos, e na medida em que vão dando sentido e objetivo para o que fazem, os atores vão se apropriando do seu saber (Freire, 1980) e fazer (Melucci 2001). Sabendo que os atores não se constróem de forma linear, e que dependem das inúmeras negociações, limites e possibilidades de seu campo, torna-se importante refletir a Biodança, a partir destas orientações apresentadas por Melucci: fins da ação (do sentido que a ação tem para o autor), meios (relativa às possibilidades e aos limites da ação) e ambiente (campo no qual a ação se realiza). Compreendendo que a ação coletiva não é uma expressão de uma intenção, mas desses atravessamentos, sabemos e salientamos o desafio que é se propor a pensar a Biodança como uma Ação Coletiva.

Na análise feita baseada nos três eixos acima citados, averiguamos que, os limites e possibilidades da ação (meios) são direcionalmente potencializadas ou não pelo sentido que a ação tem para o autor (fins), podendo estes dois aspectos transformar qualitativamente o campo no qual a ação se realiza (ambiente). Nesse sentido,

indagamos: quais os sentidos que os profissionais e participantes da Biodança possuem desta prática e movimento. Quais os limites, os fins e os meios que nos concretizamos em nosso ambiente?

Bibliografia

FREIRE, P. **Conscientização**. São Paulo: Moraes, 1980.

GÓIS, C. W. L. **Saúde Comunitária**. São Paulo: Hucitec, 2008 (em editoração)

MELUCCI, A.. **The playing self. Person and meaning in the planetary society**. Cambridge University Press, 1996

_____. **A invenção do presente**. Para uma teoria dos movimentos sociais. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORIN, E. **Amor, poesia, sabedoria**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

PEIXOTO, N.B. **O olhar do estrangeiro**. In: NOVAES, A. **O Olhar**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

TORO, R. A. **Biodanza**. São Paulo: Editora Olavobrás, 2002.
TOURAINÉ (1998)